

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º D. — Telefone 27136.
Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COM. DE CENSURA

No "Diário do Governo,, de 13 do corrente foi publicada a Portaria n.º 8.439, do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, que permite a aposição, nas correspondências postais, das vinhetas emitidas pela Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, desta cidade, cujo rendimento se destina à construção do Monumento aos Heróis da Grande Guerra.

Pró - Monumento !

Viva Guimarães !

A comemoração Gilvicentina

Critérios diferentes

Tram procurado sem defensas nem malabarismos, a sem-razão de se acompanhar o adiamento feito pela Academia das Ciências, por motivo de férias, da comemoração do 4.º centenário da morte de Gil Vicente.

Assim como se não sabe ao certo a data do nascimento do fundador do teatro peninsular, também ao certo se não sabe a data do seu falecimento. O sr. dr. Júlio Dantas, na sessão em que foi votado o adiamento, também se perdeu naquele labirinto das hipóteses que vai desde 1536 a 1540. E concluiu, como já foi afirmado, que Gil Vicente morreu para a actividade literária em 1536.

Ora se a verdade oficial considera a morte do poeta — e esta — em 1536, porque é que a comemoração transita para 1937? É um contrassenso sa-loio bem pouco digno duma Colectividade de tão grande responsabilidade como é a Academia das Ciências.

Acompanhar êste critério sa-loio, aproveitar esta porta falsa tão indispensável nas sortes de prestidigitação, é desafiar o ridículo.

Suponho que não foi essa a intenção da nossa Câmara, embora se afirme que a resolução da Academia foi a táboa de salvação a que ansiosamente se agarraram os nossos édis.

Eu, confesso, não acredito em tal. A Câmara precipitou-se, sem dúvida. Mas há ainda remédio a essa precipitação lamentável. É certo que, confrontando a indolência primitiva na organização do programa da comemoração do centenário, aquele caminhar lento, ponderado, cheio de cautelas, com esta marcha cem à hora para se não perder de vista a resolução académica, tem de se concluir que se mudou de critério, que se abandonou neste caso, o caminhar lento e ponderado que as circunstâncias agora reclamavam.

Lamentável, sem dúvida, mas remediável ainda. Todos nós sabemos que o monumento a levantar nesta cidade não se poderia concluir até Dezembro dêste ano.

Portanto, lançando-se agora a primeira pedra desse monumento, (e a primeira pedra não se pode lançar sem haver maquette) teríamos a sua conclusão, por trabalho sucessivo, no ano de 1937.

Desta maneira, aqueles que possam ter a Academia por oráculo, não incorreriam na louvável impaciência a que o sr. dr. Júlio Dantas tão imprópriamente aludiu. Mas, desde que agarrados à casaca académica do sr. dr. Júlio Dantas se persiste em voltar ao mes-



Capitão Manuel da Silva
Combatente da Grande Guerra



General Ferreira Martins
Presidente da Comissão de Honra
«Pró-Monumento»



Coronel Henrique Pires Monteiro
Combatente da Grande Guerra

mo passo cauteloso, ao caminhar lento e pausado, só compreensível em pessoas que não tem fé, dinamismo, coragem de tomar atitudes e de as defender, temos de concluir que o nosso brio bairrista foi espinhado e que se afrontou a dignidade da nossa terra, bem digna de melhor sorte.

13 de Maio de 1936.

Manuel Alves da Oliveira.

Elogio das feias

Pobres das feias!

Vêde num grupo de jovens as risinhas faciais que se concedem às bonitas, as atenções de que são alvo as que são bonitas ou presumem sê-lo.

E comparai depois o ambiente de gelada indiferença em que se movem as feias...

Tudo lhes é interdito que exprima galanteria e lisonja, frescura e graça, espírito de feminilidade.

Todos êsses pequeninos nadaes sentimentais e aparentes frioleiras que sobrenadam ao rumo das coisas e representam muito para a mulher. Que para a mulher são tudo!

Pobres das feias!
Não lhes basta serem feias. Inda é preciso que todos, a cada instante, lhe façam sentir que o são...

Altas e inacessíveis muralhas as cercam e as separam das paixões do mundo, na tristura do seu isolamento...

A sua vida não tem começo nem fim, desliza como uma sombra no anonimato à margem de tudo que traduz exaltação e ruído, mocidade e prazer. Não é a vida de todas as mulheres. Habitam um mundo aparte. Encerradas em si, vivem só das próprias emoções — não das emoções que o amor dá.

São feias...
Bastardas feias do sexo; nem sequer tem direito a ter coração. De que lhes serve? Ninguém pensa despertá-lo, estreitá-lo a si, escutar-lhe o murmúrio das íntimas confidências.

São feias...
E no entanto — ah! quantas vezes! — o coração das feias palpita e estremece, plêtorico de virtudes e de reconditos tesouros affectivos, de que já mais se apercebem aquêles que procuram longe a felicidade... desprezando a que tem junto de si!

Pobres das feias!
Passam indiferentes, sem ruído, mo-

vidas por estranho automatismo, entre o tumulto das gentes. Ninguém repara nelas, ninguém lhes dá pela presença. Não inspiram um sorriso, uma curiosidade galante. Há mutismo nas almas e aos lábios não astoram madias — quando as feias passam.

Esfriam nelas todos os olhares como o fogo ao contacto do gelo se apaga. Pobres das feias!

A vaidade masculina é de julgamentos facéis e de resoluções levianas, para não dizer arbitrarias. Ajuziza pelos exteriores. Pronuncia-se pela apresentação espectacular ou, sensualmente, pela pujança animal das linhas plásticas ainda que frias, inexpressivas, como as estátuas.

Lude-se, quantas vezes! Feias são as ostras. E a mão do Criador nao desdenhou ocultar nelas, entre as valvas incarcacterísticas, as pérolas mais formosas que ostentam colos de mulher.

Doi-me o pezar discreto das feias; a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

Isso e o mais que elas não dizem mas se adivinha quando, a sós, caíndo em si, frente à realidade, o espelho implacavelmente lhes aponta a sua inferioridade física e as imperfeições de que não são culpadas.

Despojadas da corôa de orgulho que a sua sorte amaríssima de desertadas da Fortuna e do amor que há-de, no fundo, mortificá-las, eu bem sei...

São feias...
Vivem na clausura. Altas e inacessíveis muralhas as cercam. O seu mundo não é mundo de toda a gente. Se desejam, não se fazem desejar. Se amam não se fazem amar. Desertadas da fortuna e do amor este não lhes consente, ainda que por momentos, habitar o reino da ilusão, na suave embriaguez dos sentidos maravilhosos...

A sua beleza espiritual incompreendida, às vezes de cunho tão pessoal, não tem história nem biografia.

São feias...
Compreendo o seu despeito, o ódio da raiva surda que as consome à vista das outras, das que não são feias como elas e constantemente as humilham com o espectáculo da sua importância, com os meios nem sempre legítimos de que dispõem para terem os homens rendidos a seus pés.

Espectadoras, nunca personagens, os fenómenos animados da existência são vistos por elas no largo e de fugida — como quem observa o movimento do porto das vigias dum barco que se afastasse...

Pobres das feias!
Gosto delas, muito embora haja de

considerar-me só nesta humana simpatia. Talvez para reparar o abandono a que são votadas por aquêles, que não tendo outra visão que a dos olhos, não sabem compreender a beleza nunca revelada das feias...

Mário Azenha.

Serenamente...

Quaisquer que sejam os pensamentos, qualquer que seja a acção de qualquer indivíduo em função de sociabilidade, pesa sobre êle a responsabilidade individual e a quota parte colectiva dos movimentos sociais e seus fins, mórmente se uma apostolização, ainda que em sectores de vida social restricta, o move no sentido da inovação, que atinja o modo de ver, a estabilidade e os interesses, por essa invocação abalados...

Esta responsabilidade social, graduada segundo a capacidade intelectual de quem a compreende, dissociada basta vezes de compreensão alguma ou ignorada até do modo impulsivo e caracteristicamente popular com que se executam, não raras vezes, movimentos colectivos, cujo alcance a multidão ignora, apenas alentada pelo lado maravilhoso dum paraíso de sonho, essa responsabilidade nem sempre se aquilata ou se mede pelo padrão, que deve ser inalcançável e inextinguível do verdadeiro amor social, que nos arrasta à colaboração para o Bem comum, único fim lógico duma Sociedade.

Por compreensão e definição clássica, sociedade: — é a estavel união moral dos individuos para o Bem comum, com a cooperação de todos e a todos atingindo.

Definição perfeita, que abrange e prevê tudo o que numa sociedade é um elemento constitutivo, seus fins, seus benefícios.

É antes de mais nada a Sociedade uma estavel união moral de indivíduos e é por essa união que é possível conseguir o bem comum, e para ela necessária a cooperação efectiva de todos, para que a todos atinja o benefício da mesma união.

Sociedade desunida claudica na sua base essencial. Sociedade sem união moral, isto é, de vontades, é a negação de si mesma, inútil e igual a nada, «como duas metades dum zero».

Sociedade que não queira atingir o bem comum e só o Bem — será o homem livre em praticar o Mal? — também não é sociedade, em razão dos fins da filosofia social.

E, por extensão de raciocínios contidos na definição, a cooperação de

todos é a vida da sociedade e o Bem conseguido a todos deve atingir, sem limitações de reivindicações orgulhosas e egoístas.

Luístamos no primeiro pensamento, que a definição fixa: — União Moral.

A nossa liberdade de acção, quando a encaminhamos pelas veredas ingratas do serviço social, não é indiferente a limitação que lhe opõem os interesses colectivos, o estado anterior da organização da vida em comum.

Assim como a natureza não dá saltos — «natura non fecit saltus!» — também a sociedade não é brusca nos seus movimentos.

Falamos da sociedade e não da multidão, isto é, da união responsável de vontades. A multidão não pensa; é irresponsável.

As grandes revoluções são sempre a dinamização de posições intelectuais, de doutrinas sociais e políticas, longamente incubadas.

Se, porém, se for perguntar a um individuo componente da multidão dinamizada o que deseja, o que pretende, porque grita e porque se agita, é raro que se não encontre nêlo o representante atávico duma selvajaria primitiva...

O Homem desapareceu. Prometeu-se-lhe a satisfação do seu interesse pessoal. Ei-lo que berra, que grita, que arranja cruzes para todos os Justos!...

A União Moral, essa força coercitiva de vontades, congregando os individuos de inteligências, embora pouco cultivada, mas disciplinados, é o principal factor, através das idades e das contingências temporais, do progresso das colectividades, sua directriz e sua norma.

Destruir tal União é cair na fraqueza dos que facilmente se deixam vencer.

Dos grandes e imponentes centros da Civilização humana até aos mais recônditos e apagados recantos das agregações paroquiais, a união dos individuos em função do bem comum tem de ser a pedra de toque da vitalidade progressiva, daquela vitalidade que triunfa de todas as hostilidades, daquela força e vontade firmes, que desdenha de todas as molezas e tibiezas, daquela virtude ético e digníssima, que se impõe ao erro e à mentira, como o esplendor mais alto da religião da Humanidade!

Falamos na religião da Humanidade, sem intuitos que possam dar asas às suspietas heréticas...

Seria a Religião em que o Homem pela Felicidade e pela Perfeição atingiria os óbices divinos de quantas religiões se dizem reveladas... União, coesão humana. — E, como corolário dela, a máxima felicidade para o individuo humano, a maior

perfeição das suas potências criadoras do Progresso, limitado pelas exigências únicas do Bem comum. O bem da Sociedade antes do individuo e o bem do individuo como prémio e como emanação da Grande União Social.

Mas de todo e qualquer modo união social de responsáveis, porque só êsses têm o direito de conformar a vida social, consoante os movimentos sinceramente humanos das suas almas.

Os que não são ou não podem ser responsáveis, que se deixem dirigir, que deleguem, pelo reconhecimento do que pode valer a responsabilidade social naqueles que valem mais.

A moderna concepção social do Chefe é uma extensão da organização das «élites». Todo o homem pode pertencer a determinada «élite», o que está muito longe de todo o homem poder ser um chefe.

Do mal da falta de disciplina mental, em qualquer meio social, que se manifeste, vem sempre uma situação difícil, que tanto mais se agrava, quanto mais se expandem as razões da vaidade, do orgulho, da nostalgia do mando.

Mal resultante do esquecimento de que já mais poderá mandar quem não saiba primeiro obedecer a uma disciplina interior e moral, que dá ao homem a posse do carácter e que lhe indica o caminho da sua acção social, se por temperamento ou por solicitação colectiva nela é chamado a colaborar.

Como havemos, pois, de aparecer em público, sem arcar ao péso da responsabilidade, com a desordem no nosso pensamento, a desordem na nossa vontade, um e outra a desordenar a, por vezes, pavorosa incongruência das nossas palavras?

P. A.

AROMA

(Ao Dr. Francisco Rodrigues)

Sonho, poesia
Talvez...

Aos poucos,
A Humanidade,
Sincera e consciente,
Redime-se
Dos pesadêlos,
Dos pecados do Passado!

Da sua paixão
E soltando
O «amo-te»

Da Felicidade suprema,
Arrasta-se para a luz,
Enche de alvoradas o coração,
Sacode a neve dos cabelos

— Pó de séculos —
E, lançando um olhar maldito
A' cruz

Do seu calvário,
Tal como Jesus
Em sábado de aleluia,
Ressuscita

E resplandece,
Inocente,
Virginal,

De transparente olhar!...
... Olhar tam lindo,

Que,
Dir-se-ia
Nêle reflectir a sua alma

— Expressão da sensibilidade! —
A um tempo
Revelando,

No desvio de ondas luminosas,
Espelhantes e cristalinas,
A Perfeição,
O Belo,
A Pureza

— A sua eterna felicidade
1936.

L. COELHO

Crónica do Pôrto

Aluga-se uma Pensão

A história é pequena — e conta-se em meia dúzia de palavras. Já lá vão alguns anos, a senhora D. Europa mandou construir, na Avenida «Mundo Civilizado», um elegante edifício, amplo, luxuoso, confortável, espécie de Babel em cimento armado, e fez publicar nos jornais um anúncio vulgar onde reclamava o asseio e a higiene da sua pensão, predicados que associava ao aluguer de confortáveis andares, a preços razoáveis e ao alcance de todas as bolsas.

Apareceram os primeiros hóspedes, os andares foram-se enchendo — e a pensão ficou, assim, completa, parecendo satisfazer os inquietos.

Contou-me a D. Europa — uma velha obesa, corofia pela idade, com os cabelos brancos e a pele encarquilhada pela velhice, — que a sua pensão era um verdadeiro paraíso, que todos os locatários se davam muito bem entre si, apesar de constituírem um empastelado de línguas e costumes, que o sossêgo era absoluto, sem se constatarem zangas, distúrbios ou malquerenças — e que julgava, até, poder chamar àquela gente uma «família ideal».

Eu felicitei a D. Europa — já porque o sossêgo é uma bênção para os lares, — e estimei a prosperidade do negócio a que ela tinha lançado mão.

Mas, um dia, — um dia estalou a primeira zaragata no prédio. O vizinho do rés do chão apirraçou o do segundo andar por um motivo fútil, envolvendo-se em desordem; todos na casa censuraram os delinquentes — e, desde então, já não houve harmonia que se tornasse em paz e sossego para os habitante do prédio e, até, para a D. Europa.

Esta, embora desgostosa, continuou com o seu sorriso pacificador até ao dia em que a locatária do segundo andar, uma senhora aparentada dos Sabóias, quis, pela violência, desalojar o vizinho de cima, — não escutando as palavras conciliadoras dos vizinhos, nem se querendo reger pela lei do inquilinato com que a D. Europa se segurara ao admitir os hóspedes.

Desencadeou-se, pois, tremenda borrasca na pensão, alicerçada nos pretextos da senhora do segundo andar.

Nem rogos, nem ameaças, nem súplias, nem promessas fizeram dissuadir a irrequieta pensionista dos seus propósitos, — e ela foi, a pouco e pouco, tomando conta do andar superior, onde habitava um desventurado velho, sem ter ninguém que o auxiliasse, que o defendesse, — pois até os correligionários da pensão não sabiam como proceder, — e a D. Europa viu-se obrigada a cruzar os braços, sem poder conter a fúria da vizinha revoltada.

... E' este o aspecto que nos oferece a política internacional cuja complicada engrenagem está bobinada no areópago genebrino — quer dizer, é panorama agitado que se nota na pensão da D. Europa...

Encontrei-a, há dias, muito triste, muito desanimada, dizendo-me, chorosa, que não encontrou meios de convencer pacificamente os seus inquietos, que os restantes iniciaram, também grandes desavenças e que, assim, não pode continuar, — garantindo-me que vai alugar a outros a sua pensão, já que todos violaram o sossêgo e a paz que ela abençoara no início.

... E' um verdadeiro mártirio, — disse-me ela, à despedida, — e eu sou impotente para manter em ordem tal «família»!...

Vai alugar-se — a pensão da D. Europa...

Ruy de Lucena.

O Triunfo do Monumento

Com a avença feita por sua Excelência o Senhor Ministro das Finanças para afixação de cartazes de Propaganda, com a autorização dada por sua Excelência para a emissão de selos — como eficiente meio de angariação de fundos —, e, ainda, com a portaria publicada no «Diário de Governo» de quarta-feira, o caso do Monumento aos Heróis da Grande Guerra alcançou as simpatias dos poderes públicos, marcando altamente a actividade desenvolvida pela Direcção Executiva que tomou o encargo de pagar uma dívida que de há muito deveria estar saldada.

Dentro em breve o Monumento será um facto em Guimarães, provando-se deste jeito que uma Terra quando quer, quer.

Malgré os empecilhos que se levantem, a Comissão a que preside o lúcido vimaransense, sr. João Teixeira de Aguiar, demonstrou uma vez mais que a habilidade está em ser consciente, digno e patriota.

Amanhã, como última ins-

tância, a ilustre Comissão dos Padrões da Grande Guerra deve pronunciar-se sobre as 4 legendas apresentadas pelo sr. Capitão Duarte Fraga e que deverão figurar no Monumento.

Assim descerá o pano sobre o labor burocrático que foi dispendido pela Comissão eleita ao agrado dos vimaransenes, Comissão que representa legitimamente o Concelho.

Na próxima semana, animadas do desejo de vencer, as Comissões Auxiliares sairão a ferro para a grande e patriótica peregrinação de angariar fundos.

De esperar é que nenhum vimaransense se recuse a cumprir o seu dever, certo de que Guimarães vai levantar um monumento condigno de todos aqueles que se bateram por um Portugal Maior e que valorizaram a Raça pelos seus feitos heróicos.

Sobre muito embora o vento pelas carvalheiras: o Governo da Nação está de alma e coração connosco e tendo conhecimento do projecto do Monumento, acha-o digno desta Terra que foi o Berço de Portugal.

A' obra, pois, que não envergonha ninguém e se sobreporá a todas as autorizadas opiniões dos auto-didatas e trastejadores de velharias.

Por Guimarães e Portugal!

Festas da Cidade

Tôda a gente andava intriga-da com o silêncio feito à volta das Festas Gualterianas a realizar em Agostó próximo.

Via-se fugir o tempo, gastavam-se palavras inúteis, jogaram-se desconfianças, e ainda e sempre a mesma apatia a invadir os chamados reais valores da Terra, o vício costumeado da parangona e o atrito da ronceirice.

Tudo como no princípio, sem fins determinados!...

Boa razão nos assistia quando a lógica nos obrigou a considerar de «fôgo de vistas» as retóricas inflamadas dos pensadores de «primo cartel», retornelos êsses que, marcando estafada ária, provocaram dissonâncias desagradáveis, tais como: cortejos históricos, ranchos regionais e bizarrices álealescas.

Desassombro

A atitude da Direcção da Associação Commercial e Industrial de Guimarães, desta cidade, perante a inesperada oferta de, por seu livre alvedrio, arcar com as responsabilidades da realização das Festas, denota bom senso e desassombro.

— Aquelas palavras não satisfarão os doadores, mas traduzem bem sinceramente a repulsa por tudo quanto represente coreografia labroste, com uma dezena de contos de réis a arder.

Consumatum est

A nota camarária sobre a não realização das Festas da Cidade é tudo quanto há de mais infeliz e de menos oportuno.

Com o seu aparecimento, deitou-se um balde de água fria sobre o desejo da livre acção das Forças Vivas da Cidade e Concelho, relegando-se esta Terra para uma condição de vilória sertaneja.

A obra!...

As oito maravilhas do mundo — oito e não sete como é vulgar ensinar-se — ficam a perder de vista perante a monumentalidade daquela obra das Doroteias, feita ali ao subir das Trinas.

Aquilo immortaliza e torna imorredouro — um homem!

Só esta sofredora e pacata gente a suportaria, dando asas a quem na posteridade há-de obter todos os cognomes e

mais um, desiludida como anda da sua boa Fortuna e desapaix-nada de seu baírrismo.

Córadoiro público

Quem tenha necessidade de passear pelo Castelo, nessa época de excursões e visitas, identificado fica com o aspecto que possa observar.

Implantou-se ali o córadoiro público, com tôda a casta de farrapos posta ao sol, quando não seja forçado a admirar também o espiolamento de mulheres que, naquelas paragens, se regalam de fruir uma proveitosa sombra.

COMUNICADO

Sobre uma local do sr. A. L. de Carvalho, inserta no «Berço da Grei», de 9 do mês corrente, e referente ao relatório apresentado pela anterior Direcção da Sociedade Protectora dos Animais, desta cidade, continuamos a manter tôdas as afirmações nele contidas e lamentamos que o sr. A. L. de Carvalho tenha sido infeliz nos argumentos com os quais pretende justificar a sua interferência na retirada dum subsídio que tinha sido dado a esta Colectividade para o fim de contratar um guarda que se encarregasse de apanhar os cães vadios.

Sua ex.ª referiu-se aos cães apanhados pelo guarda da Sociedade — 21 em 6 meses — e os apanhados pela rede — 32 em igual tempo —, mas esqueceu-se de completar a verdade, visto não ter dito que no serviço da rede andam, pelo menos, 6 homens, embora não todos os dias, ao passo que a Sociedade apenas dispunha de um, mas com a vantagem do serviço ser feito sem o esparafato que actualmente se nota.

Igualmente lamentamos que o sr. Carvalho não tivesse lido o nosso Relatório com atenção, porque do contrário não teria afirmado que não viu nada, absolutamente nada, respeitante aos serviços da Direcção. De resto, não desejamos que a Câmara seja asilo, mas também não nos consideramos com falta de senso pelo simples facto de nos termos referido no citado Relatório à situação em que ficou o guarda da Sociedade. E' esta a satisfação que temos de dar à opinião pública que, melhor do que nós, saberá fazer justiça a quem a ela tiver direito.

Guimarães, 14 de Maio de 1936.

A Direcção cessante da Sociedade Protectora dos Animais.

Conferências Pedagógicas

Com muito brilhantismo, tiveram lugar, num dos vastos salões das Escolas Centrais, desta cidade, na quinta e sexta-feira últimas, as Conferências Pedagógicas, presididas pelo nosso querido amigo, o ilustre Director do Distrito Escolar, sr. Manuel Boaventura, que se fez secretariar pelos srs. Director-Adjunto e Delegado Escolar, professores conferentes e, ainda, pelos Directores das Escolas Centrais (masculina e feminina).

Estas conferências pedagógicas, destinadas ao professorado primário do concelho de Guimarães, decorreram com muito interesse, de molde a deixar satisfeitos todos quantos a elas assistiram.

No primeiro dia foram conferentes os inteligentes professores, srs. Américo Soares Pinto, Augusto César Dias Padrão e António Martins Gonçalves, que versaram, respectivamente, as seguintes teses: — «A Disciplina Escolar», «O Ensino da Calligrafia» e «O Ensino do Desenho», teses estas que no final foram objecto de acalorada discussão entre os respectivos conferentes e os professores, srs. Joaquim da Silva Godinho, Bernardino Pereira dos Santos, Dionísio Martins, Ovidio Lobo, Amílcar Peixoto, Artur dos Santos Rodrigues e outros, estabelecendo-se à volta das teses apresentadas opiniões de ordem técnica e pedagógica, todos revelando vastos conhecimentos.

O ilustre Director do Distrito Escolar fez, a seguir, largas apreciações de crítica aos trabalhos apresentados, apreciando-se em considerações de muito estudo e saber, sendo muito aplaudido pela maneira proficiente e claríssima como sua ex.ª se referiu à doutrina das teses e argumentação dos professores.

O professor, sr. Américo Soares Pinto, propoz, e foi aprovado, que se telegrafasse ao Sr. Ministro e Director Geral da Instrução Pública, felicitando-os.

No segundo dia, e no mesmo local, foram conferentes as distintas professoras, sr.ª D. Maria do Carmo Marques de Aragão e D. Maria Celeste Nobre, que dissertaram as suas teses — «O Ensino de labores como factor da educação feminina» e «O sentimento patriótico na Escola», respectivamente. Estes trabalhos inteligentemente apresentados como foram pelos ilustres conferentes, chegaram a ter conclusões definitivas, motivo porque receberam aplausos unânimes não só do distinto professorado presente como também do sr. Director do Distrito, tendo palavras de elogio

e de felicitações para as duas senhoras, autoras das teses, que se mostraram à altura das Conferências, pois revelaram profundos conhecimentos sobre a matéria dos seus trabalhos apresentados, pelo que, em sua opinião, bem pode dizer-se que fecharam com chave de ouro as Conferências Pedagógicas.

Findas que foram estas, todos os srs. Professores visitaram o Castelo, junto do qual tiraram uma fotografia, e o Museu Alberto Sampaio.

A seguir, realizou-se, no Hotel do Toural, um almoço de confraternização, a que assistiu a quasi totalidade dos srs. professores, tendo presidido o sr. Director das Escolas Centrais. Foram convidados também a assistir a esta festa de íntima solidariedade os srs. Presidente da Câmara Municipal e Administrador do Concelho.

Iniciou os brindes o sr. dr. José Francisco dos Santos, que teve palavras de elogio e de agradecimento para o professorado do concelho, associando-se do coração a tôdas as suas manifestações. O sr. António José Pereira de Lima falou em seu nome e como Administrador do concelho, e vários professores, que dearam às suas palavras o verdadeiro cunho da sinceridade e de solidariedade, animando-se o ambiente pelo entusiasmo com que decorreram as Conferências Pedagógicas.

Encerrou os brindes o sr. Manuel Boaventura, distinto Director do Distrito Escolar, cujas palavras foram de felicitação para todos, sentindo-se plenamente satisfeito por lhe ter sido dado o prazer de se encontrar rodeado dum professorado tão inteligente, que teve ocasião de verificar, fazendo justiça às suas belas qualidades e virtudes.

O «Notícias de Guimarães», felicitando os trabalhadores da Cultura Popular, envia-lhe os seus parabéns como se honveram nas Conferências Pedagógicas, a que deram todo o seu saber e entusiasmo, como também, e muito sinceramente, saúde o sr. Manuel Boaventura, brilhante ornamento do Professorado Primário Português, pois que dirigindo e orientando proficiente e inteligentemente todos os trabalhos, mostrou-se um profundo pedagogo de vastos e sólidos conhecimentos, que o elevam no conceito de todos quantos tem a honra de com ele conviver de perto, apreciando não só o seu belo espirito claro e inteligente, mas as suas grandes qualidades de carácter e virtudes morais e sociais.

DESPORTO

Uma situação grave...

Duma conversa rápida surgiu a razão deste artigo, cuja necessidade de há muito amadureceu no nosso espirito. A actividade continua de relatar jogos e de os criticar conforme a opinião livre e independente da apreciação pessoal, satura em tempo restrito se outros factos, em que o Desporto é prenhe, não nos prende e sobre êle não atraímos a atenção do público e lhe ocultamos a situação grave de determinados problemas. Apontar as dificuldades que tolhem o foot-ball local, apresentar a gravidade actual da situação, era dever que se impõe para elucidar a massa desportiva do meio, despertar energias adormecidas e incitar a reunir em volta do Vitória as melhores boas-vontades e as mais decididas afeições.

Sofre o Vitória do mesmo mal que atinge as agremiações desportivas dos meios pequenos, mal que aflige a grande parte dos Clubes nacionais e lhes impede progredir e aumentar: o estado financeiro. Ninguém deve ignorar que as despesas que um Club tem são avultadas e mais avultadas se tornam quando um Club ocupa um certo lugar de destaque para seu prestigio e garantia do seu nome. O Vitória S. C., que disfruta dum nome justamente alcançado, criou necessidades inerentes, sustentadas a custo pela dedicação e amor de inúmeras afeições.

Tudo cansa com o rodar dos tempos; e as amizades, que atingem um esforço monetário, começam a rarear, mormente nas circunstâncias que actualmente atravessamos em que o dinheiro não abunda nem acamaraada com as iniciativas mais ardorosas. As associações desportivas são as primeiras vítimas dessas dificuldades.

E' já longo o rol dos amigos que por o Vitória muito fizeram e cujos nomes é justo destacar: Capitão Gervásio Campos de Carvalho, Tenente José Campos, Heitor Campos, Eduardo Passos, Afonso da Costa Guimarães, Eduardo P. dos Santos, António Macêdo, Domingos Ferreira, Carlos Machado, Dr. Francisco Rodrigues, Dr. José Pinto Rodrigues, Dr. Isaias V. de Castro e tantos outros, cujos nomes, sem melindre, não nos occorre agora. Todos deixaram, na sua passagem pela Direcção do Vitória, o esforço da sua vontade e o auxilio da sua bolsa. A actual Direcção, composta de indivíduos duma dedicação sem limites, enfrentam dificuldades sem nome que ninguém deve ignorar.

As despesas aumentaram e as receitas têm diminuído assombrosamente. A disputa do campionato da 2.ª Liga, contrariou os melhores esperanças no seu resultado pecuniário, mal que se generalizou a todos os Clubes concorrentes. A necessidade de alcançar uma boa classificação, nessa disputa nacional, obrigou todos os Clubes a reforçar os seus teams com

melhores jogadores. O Vitória, viu-se, por isso, na necessidade de seguir as mesmas pisadas para não se ver na contingência de ocupar um lugar modesto cujo resultado monetário seria então mais desolador.

Em resumo, a situação, de momento, é esta:

— As despesas têm sido maiores que a receita e a diferença vem sendo agüentada, estóicamente, pelo bolso particular dos membros da Direcção!

Perguntamos: Haverá razão em permitir o sacrificio dessas pessoas, quando o seu sacrificio resulta prazer disputado por uma grande maioria?

Esta situação poderá manter-se por muito tempo?

Haverá quem queira, no fim do seu mandato, — prestes a chegar — assumir a sua gerência nestas circunstâncias?

E' esta a realidade dura, fria e aterradora da verdade!

Têm a palavra os associados e amigos do Vitória. Neles está a resolução deste problema vital para a vida do seu Club. Agrupem-se em torno dele. Dêem-lhe a sua assistência, e não esqueçam que o prazer do seu triunfo também a si mesmos pertence. O Vitória será grande e impor-se-á com a união e o auxilio de todos.

Se assim o não entenderem, o Club terá de acabar ou modificar-se num agrupamento de modestos recursos, sem veleidades inocentes, nem esperanças falazes.

Almeida Ferreira.

Passa-se por motivos de partilhas, um estabelecimento de ferragens, bem situado, com larga clientela em junto e retalho. Bom emprego de capital. (61) R. de St.º António, 83, 85 e 85 A.

VENDE-SE

Máquina Singer nova, com 1 ano de uso, por motivo de retirada. Informa esta Redacção. (114)

Comemoração Gilvicensina pelo

Grupo Cénico Mocidade Alegre

Tudo se concerta para que a comemoração do 4.º Centenário de Gil Vicente, a realizar nesta cidade que foi seu berço, seja levada a cabo com brilhantismo, no próximo dia 8, com o sarau que terá lugar no Salão de Festas do Azilo de Santa Estefânia.

Os ensaios da Farsa Inês Pereira continuam com regularidade, assim demonstrando haver grande entusiasmo pela apresentação de um género de Teatro, a que o público não está habituado, podendo até considerar-se inédito.

A 2.ª parte do programa será preenchida com um estudo sobre a acção literária do Fundador do Teatro Português, estudo esse que será apresentado pelo digno Director da «Revista Gil Vicente» e nosso prezado colaborador, sr. Manuel Alves de Oliveira, um novo cheio de talento e que, no jornalismo vimaransense, tem marcado um lugar de realçado relevo. Presidirá o ex.º sr. Administrador do Concelho, a quem vai ser endereçado convite, e bem assim os representantes da Academia, Escola Industrial, Oficina de S. José, Bombeiros Voluntários, Associação dos Empregados do Comércio e Grupos Recreativos. Na 3.ª parte serão recitados, além

CHAPÉUS CAMISAS GRAVATAS MALHAS PERFUMES MIUDEZAS ARTIGOS DE BORDADO AGENTE Tabu CASA DAS GRAVATAS 130, PRAÇA AFONSO METRIQUES, 132 - 1.ª RUA DE JANEIRO 5 TEL. 188 GUIMARÃIS

Liga dos Combatentes da Grande Guerra Sub-Agência de Guimarães

Nos termos da legislação vigente neste organismo, e para conhecimento de todos quantos pela vida da Colectividade se interessam, torna-se público que o quantitativo dispendido sob a rubrica «assistência aos ex-combatentes e famílias em precárias circunstâncias» desde 1 de Janeiro de 1935 a 30 de Abril do corrente ano ascende a 8.217\$90.

Guimarães, 7 de Maio de 1936.

A Comissão Administrativa.

VENDA DO CAPACETE CONTA CORRENTE

Produzido pela venda do capacete	1.420\$45
Despesas 217\$20, assim discriminadas:	
Capacetes e Cartazes de propaganda	62\$75
17 fotografias	80\$00
Moldura para fotografia	3\$80
Convites para a Missa	15\$00
Chá e bôlos às peregrinas e Escuteiros	32\$40
Expediente	2\$75
Afixação de Cartazes	7\$50
Combóio — ida e volta a Vizela	13\$00
Saldo — depositado na Caixa G. de Depósitos	1.203\$25
	1.420\$45

N. — Para verificação acha-se patente na Sede desta Sub-Agência, onde pode ser examinado, todos os domingos, das 10 às 11 horas, e até 30 do corrente, o respectivo Processo de Contas.

A distribuição do saldo, será feita oportunamente, consoante as deliberações a tomar pela Comissão Administrativa.

Guimarães, 10 de Maio de 1936.

O Tesoureiro: João A. da Silva Guimarães.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço fica-nos de fora bastante original já composto, do que pedimos desculpa aos seus autores.

Francisco Pinto Rodrigues Advogado R. Gravado Molarinho — Guimarães TELEFONE 172

HARMONIUM

Vende-se, completamente novo, marca Lindholm, alemão, modelo actual, com as seguintes características: madeira Caoba, escura, 4 oitavas, 8 registros, 2 jogos e 2 joelheiras de expressão.

Absolutamente expressivo e harmonioso.

Esta redacção informa. (106)

P E D I D O

José da Silva Machado, ex-proposto da Tesouraria Municipal, pede aos srs. industriais ou comerciantes a fineza de lhe darem quaisquer serviços nos seus armazens ou escritórios, para este ir vivendo e seus filhos, até resolver nova situação, o que agradece.

José da Silva Machado R. Capitão Alfredo Guimarães.

AFINADOR DE PIANOS

João da Fonseca, antigo afinador de pianos, participa aos seus inúmeros clientes que se encontra nesta cidade com demora de alguns dias, aguardando as suas ordens na Papelaria dos Ex.ºs Srs. L. Oliveira & C.ª, R. da República, junto ao Banco de Portugal. (115)

A Filial Pimenta Machado é hoje a casa que mais sortido tem em casimiras. (77)

VENDE-SE

Um motor a óleo de 12/14 HP, marca alemã Deutz, sistema Diesel, de 2 tempos, em segunda mão, mas só com seis meses de uso, por preço módico.

Falar a Gomes Alves, Matos & C.ª — Guimarães. (95)

Da Cidade

Festas a Santa Catarina

— Os Caçadores e Atiradores Civis de Guimarães vão realizar, no dia 21 de Junho próximo, na Estância da Penha, com um programa atraente que oportunamente será publicado, os festejos em honra de Santa Catarina.

Hotel da Penha

— Vai assumir a gerência do Hotel da Penha, o nosso prezado amigo sr. Manuel Gonçalves, proprietário da Pensão Arcádia. Desejamos-lhe muitas felicidades.

Nascimento

— Teve a sua *divineza*, dando à luz uma criança do sexo feminino, a esposa do nosso bom amigo e estimado proprietário da freguesia de Pinheiro, sr. Manuel Afonso, da Casa de Brense.

Procissão de N. S.ª de Fátima

— No dia 13, realizou-se a Procissão de N. S.ª de Fátima, que saiu da capela das Capuchinhas, tendo dado volta ao Largo da República do Brasil. No cortejo incorporaram-se algumas centenas de pessoas entoando cânticos religiosos.

Circo Mariano

— O Circo Mariano, que, como noticiamos, esteve nesta cidade, retirou-se para Braga na quinta-feira, deixando os vimaranenses as melhores impressões, pois os trabalhos executados agradaram.

Pedido de casamento

— No passado domingo, foi pedida em casamento para o nosso prezado amigo sr. Amadeu Moreira, activo Agenciário em Fátima, a sr.ª D. Almeida Gomes Alves, filha do saudoso sr. José Maria Gomes Alves e da sr.ª D. Elvira Gomes Alves.

Os noivos são possuidores de excelentes qualidades que hão-de, por certo, fazer a felicidade do lar que vão constituir. Antecipadamente lhes desejamos muitas venturas.

Convento da Costa

— Foi alugado à Congregação dos Padres Dominicanos o Convento da Costa.

Casamento

— Na igreja da Misericórdia, realizou-se, no domingo, o casamento do sr. Alberto Neves de Castro com a sr.ª D. Arminda do Céu de Sousa Carvalho, filha do industrial sr. Bernardino de Carvalho e de sua esposa a sr.ª D. Joaquina Lopes de Sousa. Foram padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo seu cunhado, o nosso amigo sr. João A. da Silva Guimarães e sua mãe a sr.ª D. Cecília de Queiroz Neves de Castro.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Romaria de S. Torcato

— Conforme programa que já publicamos, realiza-se hoje a denominada Romaria Pequena de S. Torcato que costuma ser muito concorrida.

Durante o dia de hoje haverá carreiras de caminhetas entre esta cidade e o local da Romaria.

Cinema-Sonoro

— Por iniciativa da Empresa do Teatro Cine-Parque, de Vizela, inaugurou-se na sexta-feira, no Salão do Asilo de S.ª Estefânia, o Cinema-Sonoro que o-rovante ali atraiu os vimaranenses. Exhibiu-se o curioso filme «Barão Cigano».

Conforme anúncio que publicamos noutro lugar, vão realizar-se outras sessões com os mais recentes filmes. Felicitamos aquela empresa.

— Na Parada dos Bombeiros também vai ser inaugurado dentro de poucos dias, como já noticiamos, o Cinema-Sonoro ao ar livre.

Julgamentos

— Em Tribunal colectivo, respondeu, há dias, Armando Rodrigues, solteiro, sapateiro, de 22 anos, da freguesia de N. S. da Oliveira, desta cidade, acusado de ter praticado um furto à firma José de Castro Guimarães, Sucr. de esc. 4.537/50. Foi condenado em 10 meses de prisão correcional e 2

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

Assédios ou céreos

A guarnição do Castelo consistia em 80 escudeiros e alguns fidalgos, entre eles Afonso Lourenço de Castro e Paio Rodrigues, seu cunhado. O alcaide-mor já era de avançada idade.

Certo dia falava D. João I, no Pôrto, com o arcebispo de Braga, D. Lourenço — seu confidente, que sempre o acompanhava e com ele tomou parte na Batalha de Aljubarrota — sobre a melhor forma de conquistar a vila de Guimarães, sem grande custo e perda de soldados. O prelado — *persona grata* do Mestre de Aviz, como já disse-mos — que ali se encontrava com o fim de coadjuvar na organização de uma armada que destinava a Lisboa, aconselhou-o a escrever a Afonso Lourenço de Carvalho e a seu cunhado sobre o assunto. Assim se fez.

Escrita foi uma carta e enviada com o máximo recato e cuidado ao seu destino para não levantar suspeitas ao destinatário, convidando-o a ir falar com o rei sobre um assunto importante. Porém o escudeiro, primeiro que

aducisse ao chamamento do rei, falou com Gonçalo Pires Coelho, ainda parente da mulher do condestável D. Nuno Álvares Pereira, D. Leonor de Alvim, e que estava então incumbido da governação do Castelo interinamente, na ausência do alcaide-mor.

Este Gonçalo Pires Coelho havia em tempos dado fuga àquela sua parenta, a quem os partidários de Castela tinham detido juntamente com a filha D. Brites, acompanhando-as ao Pôrto, cidade em que se encontrava seu marido e pai em companhia do Mestre.

Recebida a carta, dentro em pouco dirigiu-se Afonso Lourenço à dita cidade. Efectuada a entrevista, aceitas as propostas, estabelecido o plano da entrega do Castelo e combinado o dia, regressou o referido escudeiro a Guimarães.

Decorrem alguns dias e o rei marcha para esta vila com trezentos cavalos, com os quais acampa, sem estrepito, indo emboscar-se junto da ponte do rio Fato (?). A marcha foi sob o maior silêncio.

Iam de-vagar e calados — diz um escritor — e porque um cavalo rinchou, o rei fez logo matá-lo.

No dia seguinte, antemanhã, Afonso Lourenço, sobre o pretexto da entrada

de uma cuba de vinho, mandou abrir o postigo de S. Paio e por ele entrou o famoso João Rodrigues de Sá, o Sá das Galés, aos gritos de Portugal! Portugal! S. Jorge! A cerca da vila baixa foi logo vencida e as casas dos adeptos de Castela saqueadas. Aires Gomes da Silva assim como a sua gente de armas e partidários seus, recolhendo-se ao Castelo, organizou ainda um núcleo de resistência que obrigou o Mestre de Aviz a manter o cerco mais alguns dias do que desejava, em que se lutou renhidamente e ao cabo dos quais se estabeleceu um acordo que consistia em o alcaide-mor pedir socorro para Castela e se dentro de um mês não lhe fôsse concedido, a vila seria então entregue ao sitiante, saindo os que dentro do Castelo estavam com tudo quanto lhes pertencesse.

Os socorros não vieram, e o alcaide-mor cumpriu o combinado, entregando a vila a D. João.

Aires Gomes da Silva foi retirado do Castelo ao colo de alguns dos seus escudeiros e pouco depois falecia.

Em seguida a viúva D. Urraca Mendes e o seu único filho Afonso Gomes, do segundo matrimónio, retiraram-se para Espanha.

Aires Gomes da Silva contraiu matrimónio duas vezes: a 1.ª com D. Mor

nosso bom amigo sr. dr. João de Oliveira Bastos.

Desejamos a todos os doentes o mais rápido restabelecimento.

— Fez ontem anos o nosso amigo sr. Manoel José de Carvalho, proprietário do Café Oriental.

— Fazem hoje anos os nossos bons amigos srs. António Laranjeiro dos Reis, activo defensor dos interesses locais e José Fernandes da S. Correia.

— Nos dias 21, 22, 23, 26 e 29 fazem anos, respectivamente, os nossos prezados amigos srs. Dr. Joaquim Ferreira Leão, digno engenheiro Municipal, Arnaldo Alnaldo Alpoim da Silva Menezes, Joaquim Laranjeiro dos Reis, digno director da Casa dos Pobres e denodado defensor dos interesses locais, Dr. António Augusto da Silva Carneiro, ilustre Juiz de Direito em Oliveira do Hospital, e Rodrigo José Leite Dias.

A todos apresentamos sinceras felicitações.

— Esteve nesta cidade, de passagem, o nosso bom amigo e conterrâneo sr. Alvaro Penafort, ilustre advogado de direito e Comandante dos B. V., em Celorico de Bastos.

— Em conseqüências duma queda que deu, tem passado ligeiramente incomodado o nosso bom amigo e activo funcionário da Câmara Municipal, sr. João Carlos Vieira de Andrade. Desejamos as suas rápidas melhoras.

FALECIMENTOS

Com 75 anos, finou-se o sr. António Carneiro, pai do saudoso Presidente da Associação Fênixre Familiar Operária Vimaranesa, sr. José Carneiro, e dos srs. Agostinho Carneiro, actual Presidente da mesma colectividade e Abílio Carneiro, e sógro do nosso prezado amigo, sr. Sebastião Mendes. O seu funeral, que foi muito concorrido, realizou-se, ante-ontem, na igreja da V. O. T. de S. Francisco. Pêsames à família dorida.

Justa petição dos Industriais de Padaria

Os industriais de Padaria desta cidade e concelho, constituíram-se em Comissão para pugnar pelos seus interesses e muito especialmente pela anulação do Art. 49 do Decreto-lei n.º 25.732, de 12 de Agosto de 1935, a-fim de que seja permitido o fabrico de pão de trigo e milho, gastando-se neste último os canteiros da região.

Essa Comissão, composta pelos srs. Eduardo da Silva Guimarães, José Fernandes, João Mendes Fernandes, Manuel Feliciano de Araújo Silva Caldas (de Vizela) e Joaquim Ferreira de Campos (das Taipas), endereçará representações a s. ex.ª o Ministro da Agricultura e à Direcção do Sindicato Agrícola, certa de que justiça lhe será prestada e também de que serão postos em relevo os altos interesses da região.

Pela Câmara

Pelos vereadores srs. dr. José M. de Castro Ferreira e António Lopes de Carvalho foi apresentada a seguinte proposta:

«Na sessão de 30 de Abril último foi aprovada uma proposta concebida nos seguintes termos:

Que se confie à Associação Commercial e Industrial de Guimarães o encargo de realizar a Festa da Cidade e Feiras de S. Gualter.

Esta proposta foi comunicada à citada colectividade. Por sua vez,

esta colectividade transmitiu a sua proposta à Câmara, dando-lhe simultaneamente publicidade por meio da imprensa.

Da nota officiosa da Associação Commercial e Industrial de Guimarães resultou uma larga divulgação, de efeitos desprimorosos, não só para os brios da vereação como para o prestigio da instituição municipal que representamos. Por quanto —

a) Na citada nota a referida Associação lamenta em geito de censura «que durante estes quatro meses últimos nada se tivesse feito em prol das Festas Gualterianas» o que é *faltar à verdade* dos factos.

Mas esta referência da nota officiosa da Associação é mera *picuinha*. O que não pode passar sem *justos reparos* é o que na mesma nota a Associação Commercial põe como condição para aceitar o encargo da realização das Festas: «só dar início aos seus trabalhos para a realização das Festas da Cidade, depois da C. A. da Câmara Municipal depositar na Agência da Caixa Geral dos Depósitos e à ordem da Associação Commercial e Industrial de Guimarães a verba de 70.000\$000».

Seria lícito que a direcção da citada colectividade manifestasse *aquelle desejo*, indo qualquer dos seus membros junto da Câmara justificar a conveniência que tinha nesta medida. Embora o facto constituisse *novidade*, pois receber *adiantado* nunca foi prática seguida, ainda assim podia justificar-se *como desejo*.

Não só porém, se não procedeu assim, sensata e prudentemente, mas preferiu-se transformar um *desejo* em uma condição imperativa: — *«pague a Câmara adiantadamente, ou nós Associação, não tomamos o encargo»!*

Para maior agravo, fêz a Associação dar o maior ruído de publicidade ao seu... *ultimatum*, por meio de «Nota officiosa» à imprensa e porque a achavam agressiva em excesso tiveram os redactores da nota necessidade de a arrematarem com a superflua declaração — de que tal deliberação «não envolve a mais ligeira desconfiança». Simplesmente não são as «palavras» mas as «attitudes» que em semelhante caso, exprimem a verdade e julgam das boas ou más intenções.

A direcção da Associação Commercial e Industrial de Guimarães, recebendo da Câmara Municipal uma proposta de *confiança e sem condições*, não podia, por honra sua, *por condições imperativas* para a «recepção». Procedendo, como procedeu, *incivilmente*, praticou um acto associativo *infundado* pois da sua attitude deve resultar não só o *enfraquecimento* do seu prestigio, mas ferir o próprio objectivo da celebração Gualteriana, cuja história anda presa aos brios da Associação e ao interesse do comércio logista que representa, em face do que justificamos a seguinte proposta: — 1.ª Que a Câmara, vendo no procedimento da direcção da Associação Commercial e Industrial de Guimarães uma mal dissimulada recusa em tomar o encargo das Festas da Cidade tome, a si a prática não só da Feira Franca de S. Gualter, como a parte festiva que haja de a engrandecer, visto não fazer sentido que, *por culpa da Associação Commercial e Industrial*, se deixe de animar o mercado anual do maior interesse para os logistas.

2.ª Se porém, a vereação achar mais profícua a applicação de parte da verba destinada às festas em necessidades de administração Municipal, que em tais circunstâncias, a importância de 40.000\$000 seja integralmente applicada a uma obra de comprovado interesse e aplauso público, na Cidade, visto tratar-se de uma verba que inicialmente à *Cidade se destinava*.

3.ª Que, finalmente, se destine a referida verba ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, ou ao arranjo do Largo de S. Francisco, uma e outra coisas constituindo aspirações latentes a satisfazer.

Pelo sr. presidente foi apresentada a seguinte contra proposta: «Que a proposta seja votada com a alteração seguinte:

1.ª Destinar 40.000\$000 da verba a que a mesma proposta se refere, à concessão de subsídios pelas fregue-

rias do concelho abaixo designadas, dando-se assim justo deferimento às petições que a esta Câmara foram dirigidas, no sentido de se proceder de remedio às fontes públicas das mesmas populações.

2.ª Encarregar os srs. Vereadores das Obras e da Higiene de organizarem, de colaboração com o sr. Engenheiro Municipal, o processo respeitante das referidas fontes rurais. Que esta medida administrativa seja tomada com o aplauso à Política de assistência rural preconizada pelo Governo da Nação.

Nota — As freguesias indicadas no número desta proposta são: Vermil, Donim, Fermentões, Coñde, S. Faustino de Vizela, Mascoteles, S. Cristóvão de Sêlho, S. Lourenço de Sêlho, Rendufe, Calvos, S. Romão de Mesão-Frio, S. Lourenço de Sande, Urgeztes, Atães, Brito (S. João), Serzedo, S. Clemente de Sande, S. João de Airão, Gondomar, Santo Estêvão de Briteiros. — Aprovada por maioria.

Declaração de voto — Pelos srs. Vereadores A. L. de Carvalho e dr. José Maria de Castro Ferreira foi feita a seguinte declaração de voto: «O facto de darmos preferência à applicação da verba de 40 mil escudos a uma obra cittadina, tendo, como patenteamos, uma razão especial e de oportunidade a justificar essa preferência, não representa menos simpatia ou aplauso por uma medida administrativa duma das mais latentes necessidades da vida das povoações rurais do concelho.

Proposta — Tendo a Liga Portuguesa de Profilaxia Social solicitado a atenção desta Câmara no sentido de serem tomadas providências concernentes à hygiene da venda e transporte do pão, proponho como nova postura, a exemplo do que fêz em Março a Câmara Municipal do Pôrto e ao abrigo do disposto no art. 10.º do Dec. 13.166, de Fevereiro de 1927, o seguinte:

Art. 1.º O pão destinado à venda, quer o de trigo, quer o de milho, só pode ser transportado em carro fechado, especialmente destinado a esse fim, não podendo servir a qualquer outro fim, ou em cabaz com tempo de dobradiças, ou ainda em canastras adequadas.

2.º Os cabazes ou canastras poderão ser de qualquer tamanho ou forma, mas serão formados de pano branco, que será sempre mantido

em estado de perfeito asseio e, exteriormente, poderão ter cobertura de oleado ou qualquer tela impremiável.

3.º Tanto os carros como os cabazes e as canastras, terão exteriormente, uma tableta ou inscrição, com caracteres bem legíveis, indicando o nome e sede da padaria e bem assim um número de ordem para cada padaria.

4.º Para a venda na rua ou entre-trega nos domicílios, cada pão de trigo será envolto em papel branco sem qualquer impressão do lado interior, não podendo sair das padarias sem ter sido previamente embrulhado, pelo que será punida com a multa respectiva a padaria cujas vendeadeiras transportem pão de trigo que não venha nessas condições.

Art. 2.º A infracção de qualquer das disposições anteriores será applicável: — Pela primeira vez, a multa de 10\$00. Pela 2.ª vez, a multa de 15\$00.

5.º Único — A reincidência applicar-se-á ao disposto no art. 36.º do Código Penal.

Art. 3.º Esta postura, que é a renovação de posturas anteriores, com algumas modificações tendentes a tornar tão eficaz quanto possível o preceito da hygiene, que é indispensável pôr em prática a bem da saúde pública, começará a vigorar a partir de 6 de Junho próximo, nos termos do art. 195.º da Lei 88.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

TIPÓGRAFO

Compositor, habilitado, oferece-se. Carta a D. R., para esta Redacção.

Cinema Sonoro

Salão do Asilo de Santa Estefânia HOJE - Domingo, ás 9 3/4 da noite

O Rei dos Mendigos

Film musicado e Vingança Implacável, formidável film de aventuras.

Na próxima quinta-feira, (110) 21, ás 9 3/4 da noite:

JOANA D'ARCO

Tubos usados

de tôdas as dimensões, para canalizações de água e em muito bom estado de conservação, vendem-se quasi de graça na

CASA FERRO

RUA DA REPÚBLICA, 34

(110)

GUIMARÃIS

em estado de perfeito asseio e, exteriormente, poderão ter cobertura de oleado ou qualquer tela impremiável.

3.º Tanto os carros como os cabazes e as canastras, terão exteriormente, uma tableta ou inscrição, com caracteres bem legíveis, indicando o nome e sede da padaria e bem assim um número de ordem para cada padaria.

4.º Para a venda na rua ou entre-trega nos domicílios, cada pão de trigo será envolto em papel branco sem qualquer impressão do lado interior, não podendo sair das padarias sem ter sido previamente embrulhado, pelo que será punida com a multa respectiva a padaria cujas vendeadeiras transportem pão de trigo que não venha nessas condições.

Art. 2.º A infracção de qualquer das disposições anteriores será applicável: — Pela primeira vez, a multa de 10\$00. Pela 2.ª vez, a multa de 15\$00.

5.º Único — A reincidência applicar-se-á ao disposto no art. 36.º do Código Penal.

Art. 3.º Esta postura, que é a renovação de posturas anteriores, com algumas modificações tendentes a tornar tão eficaz quanto possível o preceito da hygiene, que é indispensável pôr em prática a bem da saúde pública, começará a vigorar a partir de 6 de Junho próximo, nos termos do art. 195.º da Lei 88.

Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

TIPÓGRAFO

Compositor, habilitado, oferece-se. Carta a D. R., para esta Redacção.

Cinema Sonoro

Salão do Asilo de Santa Estefânia HOJE - Domingo, ás 9 3/4 da noite

O Rei dos Mendigos

Film musicado e Vingança Implacável, formidável film de aventuras.

Na próxima quinta-feira, (110) 21, ás 9 3/4 da noite:

JOANA D'ARCO

Ribeiro, Filho

ALFAIATE

Convida os Ex.ªs Clientes e amigos a visitarem a sua casa, e a examinarem os artigos de alta novidade, do sortido que recebeu para a estação de verão, com os preços marcados, do fato pronto a vestir, que tem em exposição na sua vitrine, e, além desses, muitos outros, que apresenta para escolher ao Largo do Conselheiro João Franco, desta cidade.

referido arcebispo de Braga, D. Lourenço, assistiu e auxiliou a tomada do

castelo vimaranense, cujo bom êxito comunicou para Braga, o que, como é evidente, deu origem a que o povo entusiasmadamente se amotinasse, entrando imediata e corajosamente em luta renhida com a guarnição do castelo da mesma cidade. Porém receando-se qualquer reforço de Castela, foi comunicado o facto ao Mestre de Aviz, pedindo-lhe auxílios e convidando-o a ir tomar urgentemente o castelo. D. João mandou-lhes os auxílios solicitados e ordena a D. Nuno Álvares — que se encontrava em Guimarães — a conferenciar com ele — que marchasse para Braga, o que este fez *in contenti*. Chegando ali, D. Nuno intima com energia o alcaide-mor do castelo braçarense a entregá-lo, o que este recusa. D. Nuno ataca com denodo e, após dois dias e duas noites de luta, o castelo rende-se finalmente.

Os vimaranenses nunca trepidaram diante das mais arriçadas conjunturas. Foram sempre dedicados — repetimos — pela sua terra e pela Pátria, em geral. Ninguém lhes pode exprobar a menor defeição neste sentido. Foram muitas as emergências em que, depois

dêstes céreos, demonstraram a sua coragem.

Haja vista o que se deu na vila no tempo do Prior do Crato, D. António, contra os castelhanos seus perseguidores e mais tarde contra os franceses, em que Laison querendo sufocar o movimento de expulsão contra eles iniciado, não tem a dita de entrar na vila, pois os vimaranenses, apesar de mal armados, dispoendo apenas de paus, espadas, chucos, espingardas, forçados, espetos e outros utensílios, mas decididos e arrojadados, perseguem-no naquella attitude de tropa *fundanga*, causando-lhe algumas perdas, em cuja façanha praticaram acções de um denodo extraordinário e de um patriotismo inexcelsivamente grande. Não os intimidou nunca a superioridade numérica do inimigo.

Penaliza-nos extremamente não podermos nem devermos ser mais extensos, de harmonia com os moldes que estabelecemos. Se assim não fôsse, muitíssimo mais podíamos dizer.

P.ª Alberto Gonçalves.

O amor à Terra e à Grei

— eis o nosso lema.

Do Concelho

Carta de Lordelo

(Retardada)

Nossos Contrerrâneos e Amigos:

Estamos hoje com uma vontade inensa de conversar smenamente e questão é saber se estareis para nos aturar.

Estes dias de sol lindo fazem, porém, desabrochar em nós certas *expansões* assolapadas pela invernaria tristinha que lá vai... Dá-nos a brotoeja na língua e não há modo de a fazer sossegar, para cantar e louvar e exaltar a influência renovadora desta pujante Primavera nos destinos cheios de nova seiva da nossa Terra...

Longe porém de nós o pensamento duma conversa fiada! Isso não!

Vamos tratar de assuntos muito sérios, como vereis.

Anda aí, há umas quatro ou cinco semanas, um jornal do outro lado daquele quadrante de que sopram os ventos das piores chuvas, a meter-se com a nossa vida, com espírito e assim a modos de quem deita foguetes antes da festa... Temos gostado das suas sábias, sisudas e conspicias razões e também não desgostariamos de saber quem terá encomendado ou ditado o sermão.

Há gente, infelizmente tão obtusa de inteligência e tão empedernida de coração, que se não converte àquelas endexas langorosas, àquela suavidade meliflua das promessas paradisíacas, àquela fúria separatista, desunxadora e fatal, tronitrante e quasi trágico-cômica dum Júpiter ou dum anjo de asas decepadas...

A eloquência daquelas notícias de S. Miguel das Aves, arrebatadora, agitada, impulsiva, demostínica e paraugonal encontra almas geladas, na incompreensão de tantas maravilhas que nos hão de vir deslumbrar, quando chegar até nós o esplendor helénico, requintado e super-fino da civilização Santotirsense.

Gastam-se todos os adjectivos do entusiasmo, começa o dicionário a falar na expressão do pensamento, e nada demove, nada aquece, nada vivifica o frio, frio, frio de alguns preza-dos contrerrâneos.

Ora contra isto, batatas!

Um conhecemos nós que nada o demove daquele olhar fixo nos lados de onde nasce o sol, como aquela esfinge do deserto da Líbia, de sorriso impenetrável, quasi indefinido e misterioso...

Pode ser que lhe aconteça que, venha o nevoeiro, lhe tolde o olhar, lhe apague a vista souhadora, mas ainda assim lhe ficará a nostalgia de para além do nevoeiro visionar o "desajado"...

Nada há a fazer lhe, a não ser a justiça de o saber muito amante da terra em que vive.

Terra que tanto merece do nosso

amor, como da nossa responsabilidade nos seus destinos.

Quem nos havia de dizer que o Vizela, rio pachorrento e rico como um Cresus, ainda seria um dia o nosso Rubicão?

Alea jacta est?

A sorte está lançada!

E nós sabemos lá porque é que nos lembrou aquela coisa linda que Alberto de Monsaraz escreveu:

"O Povo de Montemor, Se estás mal, se és desgraçado Suspende! Toma cuidado, Que podes ficar pior!..."

O que é certo, porém, através de todos os sorrisos ou de tôdas as gargalhadas, é que a história vai-se desfiando e leva o vento de pópa!...

Os timoneiros são firmes e não receiam ir parar ao "mar calhado"...

Levam olho nos vigias, velas pãndas e eufunadas e até agora o tempo tem estado bom, não há vagalhões nem monstros oceânicos a tolher o caminho.

Novíssimos argonautas de Lordelo (quem o diria!...) êles lá vão à conquista do velo de ouro, oculto e encantado lá pelas faldas das serras da Senhora da Assunção!

É parece-lhes que de lá não nos virão as riquezas, o bem estar, os caminhos, as fontes, as estradas, as Escuelas, uma Patacoia superior à Ópera de Paris ou ao Scala de Milão, tudo, tudo, tu lo, num horror ou mais?

Não sabem? Não acreditam?

Pois estão muito enganados!

Mas, parece nos que é preciso até dizer-lhes o resto.

Vão nos trazer para Lordelo a torre dos Clérigos e os Jerónimos, vai-se construir um porto de mar, ali ao fundo da Freguesia, para lá da taboleta que marca na estrada a divisão da Província... vai ser arrasado completamente o Monte do cabeço de Meninos, para servir de campo aeronáutico internacional, construir um casino de folia mundial, com roletas, folias, bailarinas, escândalos de brado no mundo inteiro, trinta por uma linha, o diabo a quatro, o homem macaco, a mulher eléctrica, e o Julias a coçar a cabeça ao Pilatos.

Querem mais alguma coisa?

Se quiserem um pouquinho de bom-senso também se arranja.

Vou fechar esta carta, que já vai estirada como a língua pa Póvoa.

Já vêem os nossos bons contrerrâneos e amigos que as notícias hoje são boas.

Até outra vez.

S. Torcato, 15.

Diversas notícias

No domingo passado, foi muito visitado este pitoresco e agradável local por forasteiros que ao milagroso S. Torcato vieram fazer as suas promessas, repicando festivamente os sinos. Depois de uma visita à linda capelinha do Santo, todos retiraram ao seu destino maravilhosos.

— Tem passado incomodado o nosso ilustre amigo, sr. dr. Francisco Fernandes.

— Desejamos-lhe rápido restabelecimento.

— Procedente do Pôrto e acompanhado de sua esposa, deu-nos a honra da sua visita a esta estância e a sua boa mãe, parentes e amigos, o nosso contrerrâneo e amigo, sr. João de Oliveira Fernandes Guimarães, estimado comerciante.

Cumprimentámo-lo.

— Procedente do Rio de Janeiro, encontra-se entre nós, de visita a sua família e à sua Pátria, o nosso amigo e contrerrâneo, sr. Manuel de Freitas, importante comerciante e capitalista.

Ao nosso ilustre hóspede apresentamos os nossos cumprimentos de boas-vindas.

— Na passada sexta-feira, aniversário do nosso milagroso S. Torcato, foi a linda capelinha da água do Santo benzida e celebrada ali missa solene pelo rev. capelão, sr. Manuel Joaquim Gomes, acolitado pelo rev. Abade da freguesia. Foi muito concorrido este acto religioso. Durante o dia diversas estúrdias percorreram o pitoresco local, realizando as suas danças tão características desta famosa região, sendo grande a concorrência.

— E' no próximo domingo, 17 do corrente, que se realiza, nesta freguesia, a Romaria Pequena que, este ano, é superior às dos últimos anos.

Os torcatenses estão se preparando activamente para receberem condignamente os seus ilustres hóspedes, que encontrarão, neste bom povo, acolhimento e hospitalidade dos amigos.

Para comodidade dos forasteiros, foi estabelecido um bom serviço de carreiras de caminhetas entre Guimarães-S. Torcato e vice-versa.

— Na semana passada, no lugar de Penouços, freguesia de S. Mamede de Aldão, audaciosos gatunos entraram na casa de António da Silva, agricultor, furtando-lhe duma algeira do casaco uma carteira com oito contos.

Está-se procedendo a averiguações.

C.

mas,, a sr.ª D. Carolina Marques, proprietária do mesmo bar e de uma grande casa de valores selados, no Pôrto.

A s. ex.ª a sr.ª D. Carolina Marques, conhecida e querida de todos os aquistas, pelas suas excelsas qualidades, os nossos respeitosos cumprimentos de boas-vindas.

— Completa anos na próxima quarta-feira, 13, o nosso grande amigo e colega no jornalismo, sr. Abílio da Costa Menezes, da vizinha povoação de Caldas das Taipas, a quem, por isso, apresentamos cumprimentos, desejando que essa data se repita, no meio da maior alegria *ad multos annos*.

— Já nos temos referido, sem que até agora se tenha conseguido pôr cõbro, aos bandos de homens e mulheres novos e válidos, que diariamente infestam estas aldeias, estendendo, descarada e abusivamente, a mão à caridade pública, já não por necessidade, mas por malandrice, vadiagem e rebeldia ao trabalho; já não pedindo, mas exigindo, ameaçando, assaltando e roubando, em pleno dia, e em plena estrada, cinica e ferozmente!

São estas ceas que se observam por aqui, quasi diariamente, senão mesmo diariamente, e que ainda num dos últimos dias da semana passada se deram na freguesia de S. João de Ponte, próximo de Caldas das Taipas.

Urge pôr cõbro a tal estado de coisas, quando não, estaremos pior do que em Espanha, na América do Norte, China, etc.

No nosso entender não deveria ser permitido o esmolar em qualquer terra às criaturas estra has a essa mesma terra, pelo menos quando não se fizessem acompanhar de atestados ou quaisquer documentos comprovativos da sua pobreza, bem como do seu comportamento, passados pelas autoridades da sua naturalidade ou residência, e cujas assinaturas deveriam ser reconhecidas para, assim, evitar fraudes, pois, muitos vadios, não querendo trabalhar, nem esmolar na sua terra, onde a sua actividade... é conhecida, estendem-se ao longe, onde melhor podem praticar as suas fauhas, dizendo-se desempregados...

E' preciso que se exijam os documentos supra-citados, sob pena de prisão, a todos os mendigos estranhos a terra, sobretudo quando estes inspirem desconfiança! Só assim conseguiremos um Portugal habitável, são, trabalhador e maior!!!

C.

C